

Candidata:

Cristiana Ferreira Alves de Brito



Currículo Vitae:

<http://lattes.cnpq.br/0553918889655570>

Cristiana Ferreira Alves de Brito

I - Trajetória profissional

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”

Caetano Veloso

O nosso querido poeta Caetano nos ensina que devemos aceitar nossas qualidades e defeitos. Sabendo o que sou capaz de fazer e o que ainda preciso aprender, é com enorme prazer que eu me apresento como candidata à **diretoria do Instituto René Rachou (IRR)**. Estou certa de que posso contribuir para a melhoria da nossa instituição e, principalmente, da vida das pessoas que fazem dessa instituição a sua segunda casa. Nesse memorial, falo um pouco sobre a minha trajetória profissional e como fatos da minha vida pessoal me moldaram como sou hoje.

Meus pais foram professores universitários, então era natural que a vida acadêmica fosse um caminho lógico a seguir. Eles foram um exemplo para mim e agora, que não estão mais por aqui, tenho um legado a honrar. Estudei no ensino fundamental e médio em escolas públicas, dentro da Universidade Federal de Minas Gerais. Comecei no Centro Pedagógico e depois fiz o curso técnico em Patologia Clínica no Colégio Técnico. Em seguida, ingressei no curso de Ciências Biológicas na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Depois, retornei à UFMG para fazer mestrado e doutorado no programa de pós-graduação em Bioquímica e Imunologia no ICB, sob a orientação do Dr. Andrew Simpson. Desenvolvi a parte experimental da dissertação e da tese no IRR, onde iniciei minha carreira com um estágio de iniciação científica em **1988**.

O meu estágio de **iniciação científica (IC)** foi sob orientação do nosso saudoso e querido Dr. Rodrigo Correa Oliveira no laboratório de Imunologia chefiado pelo Dr. Giovanni Gazzinelli. O projeto que desenvolvi visava confirmar a presença de anticorpos contra antígenos do *Schistosoma mansoni* em crianças jovens sem exposição ao parasito, filhas de uma mãe portadora de esquistossomose. O projeto era coordenado pela Dra. Silvana Elói Santos (UFMG), uma das primeiras mulheres na minha carreira científica que muito me inspiram. Outra pesquisadora que influenciou minha formação, nesse período, foi a Dra. Lilian Garcia Bahia de Oliveira (UFRJ). Durante a IC tive duas experiências bem marcantes: minha primeira participação em um congresso científico, o II Congresso da ALAI (Associação Latino-Americana de Imunologia), em São Paulo, onde conheci o famoso imunologista português Antônio Coutinho e o pesquisador estadunidense Robert Gallo, um dos descobridores do vírus HIV. Valorizar aqueles que nos antecederam é fundamental. A segunda experiência foi um pouco traumática e aconteceu durante a minha primeira apresentação em um congresso. Foi na Quarta Reunião Anual da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FESBE) em Caxambu, em 1989, quando apresentei o trabalho “Estudo familiar da resposta a antígenos do *Schistosoma* e a anticorpos maternos anti-antígenos de ovo”. Eu estava muito nervosa, treinei a noite inteira, mas no dia seguinte mal conseguia falar de tão rouca. Todo mundo achou graça e ninguém prestou atenção no texto que

eu discorria na ponta da língua. Aprendi assim, que a carreira de pesquisador teria desafios, mas estava determinada que este era o caminho a ser seguido.

Após dois anos na IC, permaneci no laboratório com uma bolsa de **aperfeiçoamento científico**, que hoje nem existe mais. Naquela época, com a partida do Dr. Rodrigo Correa para os EUA para realizar seu pós-doutorado, acabei mudando a minha orientação para o Dr. Simpson, que havia acabado de chegar da Inglaterra. O projeto era uma colaboração com a Dra. Ana Lúcia Rabello. Estudamos um teste diagnóstico para esquistossomose aguda, que deu origem ao meu primeiro artigo científico como primeira autora, intitulado: “Analysis of anti-keyhole limpet haemocyanin antibody in Brazilians supports its use for the diagnosis of acute schistosomiasis mansoni”, publicado na revista *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene* em 1992. Ainda naquela época, tive a oportunidade de participar de um trabalho de campo na região de Ravena/MG junto com a Dra. Iramaya Caldas, uma experiência que foi bem marcante, não apenas por conhecer de perto as pessoas moradoras de uma área endêmica, mas, principalmente, por estar no território fazendo parte da vida delas. Essa experiência me ensinou a valorizar as comunidades, suas culturas e saberes associados a cada território.

No **mestrado (1991-1993)**, trabalhei com a expressão heteróloga em sistema procarioto de duas proteínas do *Schistosoma mansoni*, chamadas Sm14 e Sm25, candidatas à vacina anti-esquistossomose, em parceria com a Dra. Miriam Tendler do Instituto Oswaldo Cruz. Minha dissertação foi intitulada: “Expressão Heteróloga em *Escherichia coli* de antígenos do *Schistosoma mansoni*”, e ganhou menção honrosa no prêmio José Pellegrino de melhor dissertação em esquistossomose. No **doutorado (1994-1998)**, continuei trabalhando com a Sm14, minha tese teve como título: “Caracterização molecular, expressão heteróloga e análise da reatividade imune humana à proteína de 14 kDa do *Schistosoma mansoni*”. O objetivo era produzir a proteína em larga escala para realizar testes vacinais mais amplos. Durante o meu doutorado, um grande acontecimento mudou minha vida. Tive a honra e o enorme prazer de me tornar mãe do meu querido e amado filho, **Gabriel**, hoje engenheiro civil com MBA em gestão de negócios. Ele não seguiu a carreira da mãe na biologia, mas herdou o prazer de estudar. Nessa época, meu orientador se mudou para São Paulo para trabalhar no *Ludwig Institut*. Passei assim, uma fase da vida viajando de Belo Horizonte para São Paulo, com meu filho ainda bebê, na tentativa de concluir minha tese. Aprendi a me organizar, fazendo a gestão do tempo para dar conta de tudo. Por fim, decidimos que seria melhor eu terminar os experimentos da tese na UFMG, sob a coorientação do Dr. Sérgio Costa, onde realizei, então, os estudos imunológicos da proteína Sm14 recombinante. Os resultados foram tão bons que geraram uma patente. Todavia, como infelizmente ainda acontece, eu, como estudante, não fui incluída entre os autores da patente. Os resultados da minha tese foram apresentados na minha primeira palestra em um congresso internacional, da SBI em Campos do Jordão, onde apresentei com muito orgulho meu trabalho, apesar de ter na época um inglês sofrível, enfrentei o desafio de apresentar para renomados

cientistas da área. Afinal, como diria o Dr. Claudio Daniel Tadeu-Ribeiro do IOC, a língua oficial da ciência é o inglês ruim (*bad english*).

Depois de concluir o doutorado, continuei no laboratório do Dr. Sérgio, em um projeto com o Dr. Edgar Marcelino (UFBA), para testar a produção da Sm25 em sistema de expressão eucariótica em leveduras e baculovírus. Infelizmente, as limitações tecnológicas da época fizeram com que o projeto não tivesse muitos avanços. No final dos anos 90, os projetos genoma estavam iniciando no Brasil. E foi assim, que no ano **2000**, comecei como bolsista de desenvolvimento tecnológico e industrial (DTI) do CNPq no primeiro **Projeto Genoma Nacional** para sequenciamento completo da bactéria *Chromobacterium violaceum*, sob a supervisão de uma equipe de pesquisadores renomados da UFMG: a Dra. Santuza Teixeira, o Dr. Ricardo Gazzinelli, o Dr. Vasco Ariston e o Dr. Sérgio Costa. Foi uma época de muito aprendizado, pois usamos no projeto os primeiros sequenciadores automáticos de DNA a chegarem no Brasil. Naquela época, o sequenciamento era feito só pela técnica de Sanger, em capilares, o que era muito mais trabalhoso para gerar genomas completos do que as tecnologias atuais de sequenciamento de nova geração. Participei ativamente do projeto, inclusive dando treinamentos para outras equipes dos diferentes estados brasileiros. A etapa final do projeto de anotação do genoma foi realizada no LNCC em Petrópolis/RJ, com a participação de diferentes grupos do Brasil. Foi minha primeira experiência na, então emergente, área da Bioinformática. Esse projeto foi pioneiro em todo país pois permitiu que diversos grupos implementassem infraestrutura para o sequenciamento automático de DNA. Com esse projeto aprendi a trabalhar em equipe e lidar com pessoas de diferentes formações e pensamentos.

Em **2002**, buscando novos desafios para minha carreira, decido me candidatar a uma vaga para pesquisador no laboratório de malária do IRR. Sendo aprovada, finalmente, me torno **pesquisadora da Fiocruz**, realizando um sonho que eu alimentava há mais de dez anos. Foi certamente um grande desafio, pois mesmo dominando as ferramentas de biologia molecular disponíveis na época, que eu já usava em outros organismos, agora, como pesquisadora, tive que identificar as perguntas certas para uma doença que eu, até então, não conhecia. Dra. Luzia H. Carvalho me acolheu muito bem e se tornou uma grande amiga e referência na minha vida. No ano seguinte, decidimos, juntamente com o Dr. Luciano Andrade, criar nosso próprio grupo de pesquisa, Biologia Molecular e Imunologia da Malária, que existe até hoje, naturalmente, com algumas mudanças na equipe. Hoje, Luzia e eu lideramos o grupo, do qual também fazem parte as pesquisadoras Dra. Flora Kano e Dra. Tais Nóbrega. É um grande time de mulheres!

Os primeiros **estudos em malária** que coordenei foram sobre a variabilidade genética de isolados de *Plasmodium vivax*, o parasito que causa a maioria das infecções no Brasil. Para isso, usando técnicas inovadoras na época, como as análises de microsatélites e os chamados polimorfismos de base única (SNPs), identificamos mudanças no DNA do parasito, em especial, em genes codificadores de antígenos candidatos à vacina. Uma experiência marcante na minha

vida profissional foi participar de um trabalho de campo na região de Rio Pardo, próximo à cidade de Presidente Figueiredo, em plena floresta amazônica! Nossas raízes indígenas ali são inegáveis. Afinal corre em nossas veias sangue indígena, apesar de todo apagamento histórico que nossos povos ancestrais sofreram.

Minha **primeira aluna** de iniciação científica e depois a primeira a defender o doutorado sob minha orientação, foi Taís Nóbrega de Sousa, que hoje integra como pesquisadora o nosso grupo de pesquisa, motivo de orgulho enorme. No trabalho de tese da Taís, realizamos de forma inédita no mundo, a análise da diversidade global de um antígeno candidato à vacina, chamado proteína de ligação ao antígeno Duffy (*Duffy binding protein* - DBP). Meu primeiro aluno a concluir o mestrado foi Armando de Menezes, que estudou a validação experimental da anotação de proteínas de *P. vivax*, que permitiu melhorar as informações disponíveis sobre o genoma desse parasito. Atualmente ele é professor do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) no campus Barbacena. Outro aluno que destaco foi Antônio Mauro Rezende, que hoje é tecnologista em nossa instituição, que avaliou o uso dos microssatélites no estudo da variabilidade genética de *P. vivax*. Outro estudo de grande importância na área, foi a caracterização molecular das recaídas de *P. vivax* por minha aluna de doutorado Flávia Carolina Araújo, que hoje é servidora do IRR e também é motivo de orgulho. Esses, entre outros tantos exemplos, demonstram minha capacidade para formação de recursos humanos de alta qualidade e destaque, inclusive para nossa própria instituição.

Em **2008**, comecei a estudar a malária em macacos, o que veio a se tornar a **minha principal linha** de pesquisa, devido à grande importância da transmissão zoonótica da infecção por *Plasmodium* no controle da malária no Brasil e no mundo. Comecei estudando esse assunto com a colaboração da Dra. Zelinda B. Hirano (FURB). Foi ela que me apresentou a primatologia e, hoje, faço parte da Sociedade Brasileira de Primatologia e defendo arduamente a preservação dos macacos. Ela se tornou uma grande amiga e já fizemos muitas viagens para os congressos de primatologia e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na defesa da biodiversidade e do meio ambiente. Na Sociedade Brasileira de Primatologia, participei do GT congressos e do GT saúde e da elaboração do Plano de soltura de bugios (ICMBio, Ministério do Meio Ambiente). Além disso, coordenei um curso de biossegurança e o encontro virtual “Macaqueando nas redes”. Minha experiência com a malária na extra-Amazônia, principalmente na Mata Atlântica, me rendeu vários convites para palestras em congressos científicos nacionais e internacionais e participação em diversas reuniões da Secretaria de Vigilância em Saúde e Meio Ambiente do Ministério da Saúde.

Em **2015**, realizei mais um sonho na minha carreira, um estágio de **pós-doutorado no exterior**, na *Emory University* em Atlanta, nos Estados Unidos. Minha experiência no exterior foi muito difícil. As especificidades internas do grupo dificultaram o desenvolvimento do projeto inicialmente proposto na área de metabolômica da malária. Assim, mesmo sob intensa pressão,

mudei de projeto para a análise da resposta imune de macacos experimentalmente infectados por *Plasmodium*. Trabalhei intensamente nos experimentos e conseguimos resultados muito interessantes que renderam algumas publicações importantes. Apesar das dificuldades, esse sonho era um passo importante para minha formação profissional. Aprendi muito, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, conhecendo uma nova cultura, lidando com pessoas de diferentes lugares do mundo. Hoje, valorizo muito o meu amado Brasil!!

Vocês podem se questionar por que demorei tanto para fazer um pós-doc, afinal eu defendi minha tese em 1998. Algumas pessoas duvidam que a carreira das mulheres pesquisadoras é **marcada pelo patriarcado**, mas é verdade que adiei esse sonho até meu filho estar mais velho e me acompanhar na viagem. Fui mãe solo desde que meu filho tinha 4 anos, tinha uma ótima rede de apoio, diferente de muitas mulheres, mas optei por dedicar parte do meu tempo para estar com meu filho, inclusive almoçar com ele em casa todos os dias até o ensino médio. Deixei de fazer várias viagens a congressos durante a sua infância para não ficar longe muito tempo. Não me arrependo de nada. Criei um filho maravilhoso, meu maior orgulho na vida!

Também gostaria de destacar minha **experiência na docência**. Como licenciada, meu primeiro emprego foi como professora concursada da prefeitura de Belo Horizonte em um curso supletivo noturno. Ministrei aulas de ciências para as turmas de 6º a 8º anos. Posteriormente, no Colégio Promove dei aulas de biologia para as turmas do ensino médio. Em Iguatama/MG, ministrei um curso de Imunologia Básica na Universidade Educacional do Vale do São Francisco. Na Fiocruz, coordenei as disciplinas de Biologia celular e molecular (BCM), Técnicas básicas de Biologia Molecular, Técnicas avançadas de biologia molecular e Divulgação científica no programa de pós-graduação em Ciências da Saúde, no qual sou docente permanente. Realizei o curso “Vivenciando o Moodle: integrando ao Teams” em 2020, com o objetivo de me qualificar para as aulas no ensino à distância (EAD), sempre tentando me adaptar a novos desafios.

Em toda minha **trajetória acadêmica** publiquei 84 artigos científicos, tenho mais de 140 resumos de congressos e orientei, até o momento, mais de 50 estudantes, sendo 11 de mestrado (2 em andamento), 13 de doutorado e 22 de IC, além de 7 bolsistas de apoio técnico e 4 pós-docs. Meu índice H é de 25, meus artigos já receberam 2.125 citações (23/03/2025). Sou a primeira autora de 5% dos meus artigos, autora correspondente de 25% e última autora de 29%. Meus três artigos com maior número de citações foram: com 195 citações (doi: [10.1073/pnas.1832124100](https://doi.org/10.1073/pnas.1832124100)); com 186 citações (doi: [10.1073/pnas.93.1.269](https://doi.org/10.1073/pnas.93.1.269)); e com 167 citações (DOI: [10.1016/S2214-109X\(17\)30333-9](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(17)30333-9)). Desde 2009, sou bolsista de produtividade do CNPq, atualmente na categoria 1D. Como pesquisadora do IRR, já coordenei quatro projetos financiados pela Fapemig (PPM II e VII, Universal 2011 e 2015), quatro pelo CNPq (2003, 2012, 2014 e 2018) e cinco pelos editais Inova Fiocruz (Inova Produtos Inovadores 2018, Inova Geração de Conhecimentos 2021, Inova PDJ 2023, Inova Labs em 2021 e Inova Recursos Educacionais em 2024). Participei e participo de vários projetos em rede, a proposta de INCT “Coexistência e Saúde única em Habitats

antropizados” sob a coordenação da Dra. Patrícia Izar (USP), do qual sou vice-coordenadora, foi aprovado pelo CNPq este ano (cerca de 13 milhões). Exerço as funções de editora da revista Malaria Journal e revisora de 15 periódicos e de duas agências de Fomento. Entre os prêmios que recebi, destaco o de melhor dissertação de mestrado em esquistossomose (1993), já citado anteriormente. Além disso, meus estudantes também receberam diversos prêmios de reconhecimento. Destaco ainda algumas colaborações internacionais, com o Dr. Richard Culleton (Ehime University, Japão), o Dr. Arnab Pain (King Abdullah University of Science and Technology, Arábia Saudita) e o Dr. Christian Koepfli (Notre Dame University, USA).

Outro ponto que gostaria de enfatizar na minha trajetória profissional foi uma vocação de longa data para a **inovação**. Fui ensinada pelo meu orientador, o Dr. Simpson, que possuía um forte senso de inovação e promovia constantemente o avanço de novas estratégias e metodologias na área de Biologia molecular. Durante a minha trajetória, participei do depósito de algumas patentes, relacionada a *Chromobacterium violaceum* (2002), a *Plasmodium vivax* (2009) e a *Plasmodium simium* (2018) da qual sou a investigadora principal. Também fiz parte de um curso de empreendedorismo, o Bioacademy Biominas, em parceria com a Fiocruz em 2021, no qual minha equipe conquistou o **primeiro lugar** com a tecnologia *FreeMalaria*, um kit de diagnóstico de malária destinado à utilização em bancos de sangue. Depois dessa participação, minha equipe foi convidada para um café com inovação na Fiocruz e apresentamos uma proposta no “IBMP hunting”, que foi aprovada. Atualmente, estamos desenvolvendo um kit diagnóstico molecular para malária em parceria com o IBMP. Espero que, num futuro próximo, possa me orgulhar de ter coordenado o desenvolvimento de um novo kit para diagnóstico de malária, que será utilizado por todo o SUS. Minha experiência em inovação poderá contribuir para inovar em diversos setores institucionais, além da pesquisa.

A divulgação científica, também conhecida como **comunicação pública da ciência**, conquistou meu coração há algum tempo. Desde **2016**, com a perda irreparável da nossa saudosa Virginia Schall, assumi a coordenação da regional Minas-Sul da **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio ambiente**. Um projeto inovador concebido pela nossa querida ex-presidente da Fiocruz e ex-ministra da Saúde Nísia Trindade, que dialoga sobre assuntos relacionados à saúde e ao meio ambiente para as escolas do fundamental II e do ensino médio de todo Brasil, capacitando os professores nesses assuntos e motivando os estudantes a participarem dos projetos. Outro programa de grande relevância é o **Mulheres e Meninas na Ciência**, da Fiocruz, no qual tenho atuado desde **2019**. Em **2023**, desenvolvemos na escola municipal Aurélio Pires, bairro Liberdade, o projeto “Caminhos para autonomia: tecendo identidades femininas na construção do amanhã”, que deu origem a um ebook e um guia orientador com propostas de atividades, que será validado em 6 escolas da rede pública este ano. Nesse projeto, buscamos o empoderamento das meninas por meio do conhecimento e da apropriação de suas identidades pessoais e coletivas. O guia tem como objetivo possibilitar a implementação do projeto em qualquer instituição de ensino. Ao

longo desses anos, os projetos de divulgação científica vêm recebendo financiamento através de editais internos da Fiocruz e apoio das diretorias do IRR, além de emendas parlamentares, como a recém-recebida do Deputado Federal Patrus Ananias. Também tenho trabalhado na organização de diversos eventos relacionados à divulgação científica, tais como o “**Fiocruz pra você**”, e a **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia** (SNCT). No ano de 2024, o “Fiocruz pra você” aconteceu no Parque das Mangabeiras em colaboração com a Secretaria Municipal de saúde, que disponibilizou vacinas para os visitantes. A SNCT ocorreu no Centro de Referência da Juventude, proporcionando atividades para aproximadamente 1.500 pessoas, incluindo estudantes de 31 escolas de 16 bairros de Belo Horizonte e de outras 7 cidades. Um dos pontos altos do evento foi a mostra “Confluência de saberes nos biomas mineiros: territórios de ancestralidade e tradições com a agroecologia”, que buscou fomentar uma reflexão sobre o papel da agroecologia na formação de uma sociedade mais equitativa e justa. A SNCT foi realizada com o apoio do CNPq em 2019, 2020 e 2022. Nos demais anos, a Fiocruz forneceu todo o apoio financeiro. Durante a pandemia, formamos um grupo de voluntários à distância, que passou a ser conhecido como **Comitê de Divulgação Científica**, carinhosamente conhecido como Divulga René. Trabalhamos com organizações que realizavam ações sociais para pessoas em situação de rua e coletores de materiais recicláveis. Desenvolvemos folhetos informativos sobre a COVID-19, com mais de 1000 cópias sendo amplamente distribuídas para esses grupos. O Comitê de divulgação científica já produziu duas temporadas do podcast “Cadinho de Ciência”, sendo a primeira dedicada à vacinação contra COVID-19 (2022) e a segunda dedicada às doenças negligenciadas e ao SUS (2024). O comitê também submeteu resumos expandidos para o I e para o II Congresso Nacional de Inovação e Popularização da Ciência (UFMG), além de redigir um capítulo sobre “O letramento científico como estratégia de enfrentamento do negacionismo”, para o e-book sobre negacionismo publicado pela editora PUC Minas. No momento, represento a instituição no projeto “Criação e implementação da Rede Lide CT&I: Laboratório de Inteligência em Divulgação Especializada (Lide) em Ciência”, financiado pela Fapemig (2023). Durante os últimos anos, tenho me aperfeiçoado na área de divulgação científica, com destaque para os cursos: Introdução à Divulgação científica (2020), Metodologia e Divulgação científica (2021), Divulgação científica: o desafio de incluir diferentes públicos (2021), Redes Sociais para divulgação científica (2021), O que é ciência aberta (2015) e Ciência aberta – Panorama histórico (2019).

Paralelamente à inserção acadêmica, me envolvi ativamente na **política institucional da Fiocruz**. Quando entrei na instituição como pesquisadora participei como delegada do IV Congresso interno da Fiocruz em 2002/2003 e posteriormente em 2018 e 2021/2022, uma excelente oportunidade para contribuir nos fóruns de decisão institucional. No ano de 2005, fiz parte da comissão de avaliação de desempenho do IRR e de 2004 a 2007 fui conselheira do

conselho de comunicação. Nesse ano, ingressei no colegiado do programa de pós-graduação em Ciências da Saúde, que, posteriormente coordenei (até 2008).

No ano de **2012**, recebi o convite da então diretora do IRR, Dra. Zélia Profeta, para participar da **gestão institucional**, assumindo a vice-diretoria de Ensino, Comunicação e Informação (VDE), posição que ocupei até o término do seu mandato na diretoria (2021). Nessa época, atuei como membro da comissão avaliadora do concurso para pesquisador no perfil Bioinformática (2014). Ao longo da minha gestão na VDE, tive uma participação ativa na Câmara técnica de Ensino, integrando o grupo de trabalho para revisão do Regimento Geral da Pós-graduação Stricto Sensu da Fiocruz (2008 e 2020) e o grupo responsável pela elaboração do Plano de Desenvolvimento Estratégico do Ensino 2021-2025 (PDIE). Devido à essa minha atuação no PDIE fui convidada a fazer parte do grupo de monitoramento do desenvolvimento estratégico da Fiocruz (GADIE). Durante minha gestão na **VDE**, destaco algumas realizações: criação do comitê de Divulgação Científica; oferta do primeiro curso de pós-graduação Lato Sensu do IRR: Auditorias em sistemas de Saúde (coordenado pelo Dr. Fausto P. dos Santos); implementação do planejamento estratégico do ensino; elaboração de um plano de adaptação ao trabalho remoto e apoio ao acesso remoto dos estudantes durante a pandemia; criação de normas para o trabalho de conclusão de cursos e estágios no IRR para os estudantes de IC; melhoria do acervo da biblioteca com aquisição de grande número de livros com financiamento externo; participação na elaboração de diversas políticas institucionais; entre outros. Ao longo dos anos, participei de várias comissões e grupos de trabalho, os mais recentes foram: GT manual organizacional do IRR (2020); Comissão de seleção de bolsistas PDJ (2022); comissão seleção indicados prêmio Capes de teses (2023); Comissão de Indicadores em Pesquisa (2024). Na administração atual do Dr. Roberto Rocha, sou responsável pela coordenação dos programas de Divulgação Científica e Extensão. No momento, represento o IRR no Fórum técnico de Divulgação científica da Fiocruz, no GT SNCT, e no GT mulheres e meninas na ciência.

Durante minha trajetória profissional, busquei me **capacitar em gestão**, além da minha experiência na VDE, participei do Programa de Capacitação e Desenvolvimento Humano em 2009, ministrado pela Fundação Dom Cabral e, no ano passado, participei do Programa de Desenvolvimento de Gestores, conduzido pela Escola Corporativa da Fiocruz e pela Denize Dutra. Fiz parte do grupo encarregado da discussão sobre conflitos interpessoais, que foi implementado em um grupo de pesquisa do IRR, como experiência piloto, e gerou uma proposta a ser implementada nos demais grupos da instituição.

Considero relevante mencionar algumas ações da minha **participação na construção de políticas de CT&I** relevantes para o estado e o país. Desde 2019, quando governo do estado de Minas Gerais realizou um grave corte de bolsas, fazendo com que mais de 5.000 bolsistas da Fapemig perdessem suas bolsas, me envolvi com a Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Realizamos várias ações em apoio à Fapemig, à

ciência e à educação pública de qualidade. Integrava o grupo Inteligência Coletiva, que buscava pensar em soluções após a pandemia. Adicionalmente, fiz parte do Fórum técnico de Ciência e Tecnologia, que debateu as propostas em todo o estado de Minas Gerais para o Plano de Ciência e Tecnologia do nosso estado. Em **2024**, também participei da Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, atuando principalmente nas discussões sobre a divulgação científica. Estou desempenhando as funções de secretária regional da SBPC em Minas Gerais por dois mandatos, 2021-2023 e 2023-2025, que se encerram agora no meio do ano, e me candidatei à conselheira da SBPC.

Em conclusão, espero ter sido capaz de demonstrar a todos que possuo uma sólida trajetória profissional, com produção científica consistente e de alta qualidade, habilidades na formação de recursos humanos e experiência na gestão institucional, que me habilitam a concorrer à posição de **Diretora do Instituto René Rachou**. Ficarei extremamente honrada com a chance de assumir essa posição já ocupada por pessoas que tanto respeito e admiro, como a Dra. Zélia Profeta, o Dr. Roberto Sena, o Dr. Rodrigo Correa Oliveira e o Dr. Naftale Katz, que, juntamente com muitos outros, nos precederam na construção de uma instituição de grande relevância científica nacional e internacionalmente.

II - Diretrizes para a gestão

1. Melhoria do Ambiente e Promoção do Bem-Estar

- Buscar encaminhamentos imediatos sobre a Nova Sede junto à presidência da Fiocruz.
- Requalificar os espaços de trabalho (reformas/adequações) e promover a humanização dos ambientes.
- Valorizar as pessoas, aumentar o engajamento, a motivação e o pertencimento, visando a melhoria do bem-estar individual e do clima organizacional.
- Implementar o mapeamento de competências, com delineamento de planos de carreira e capacitação continuada, dimensionamento da força de trabalho e remanejamento interno.

2. Promoção da Inclusão e Diversidade e Enfrentamento ao Assédio, Violências e Discriminação

- Garantir acessibilidade, inclusão e respeito à diversidade.
- Fortalecer o enfrentamento ao assédio, outras violências e todas as formas de discriminação.

3. Consolidação da Gestão Participativa e Democrática

- Reforçar os espaços de participação democrática, estimulando a construção coletiva para pactuação das decisões institucionais.
- Reativar o Conselho Técnico Científico (CTC) para incorporar a participação de externa.
- Estabelecer uma agenda de encontros de planejamento, monitoramento e avaliação institucional e para promover a integração entre pesquisa, ensino e gestão.

4. Transformação da Comunicação como Estratégica e Integradora

- Fortalecer a comunicação como eixo central da integração institucional.

- Melhorar a capilaridade e transparência da informação.
- Reestruturar o setor, incorporando diferentes perfis profissionais.

5. Estímulo e Fomento ao Diálogo Contínuo com a Sociedade

- Implementar ações de comunicação para fortalecer a imagem institucional.
- Valorizar a comunicação pública da ciência.
- Estimular pesquisas em articulação com diferentes setores da sociedade civil.

6. Fortalecimento do Ensino

- Criação de uma equipe de apoio educacional.
- Promover a integração dos Programas de Pós-Graduação e criar ofertas formativas, especialmente para o SUS.
- Fortalecer a secretaria acadêmica e discutir o reposicionamento da biblioteca na era digital.
- Valorizar o protagonismo estudantil na instituição.

7. Ampliação e Aprimoramento do Apoio à Pesquisa

- Ampliar e aprimorar o apoio técnico e administrativo à pesquisa.
- Elaborar um plano de capacitação continuada dos técnicos e incentivar sua participação nas instâncias de governança institucionais.
- Criar sistemas internos digitais para monitoramento e transparência das demandas de serviços.
- Estimular o uso compartilhado de espaços e equipamentos (ex. laboratórios multiusuários).

8. Fortalecimento da Pesquisa

- Implementar os encaminhamentos da Agenda de Futuro da Pesquisa.
- Fortalecer o papel das coleções biológicas na pesquisa, incentivando o acesso aos acervos.
- Estimular os projetos de vigilância, em articulação com os serviços de referência e o poder público.
- Valorizar e expandir o Programa de Internacionalização da instituição.

9. Estímulo à Inovação na Gestão

- Incentivar o desenvolvimento de uma mentalidade de inovação na gestão por meio de capacitação no tema.
- Fomentar projetos e práticas inovadoras na administração institucional para aumentar a integração, promover a sustentabilidade e otimizar processos.

10. Implementação da transformação digital

- Incorporar novas tecnologias, buscando soluções digitais para modernizar e agilizar a gestão institucional.
- Incorporar ferramentas de Inteligência Artificial para facilitar o trabalho, a tomada de decisões e a interação com o público externo.
- Promover a cultura de transformação digital e inclusão digital, investindo em capacitação continuada para uso de novas tecnologias.